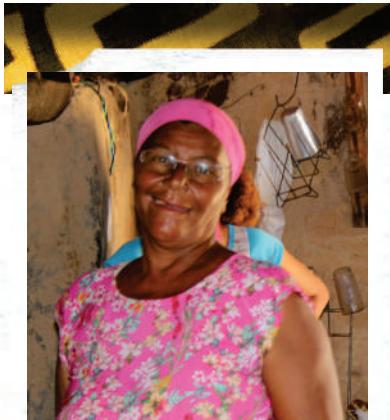
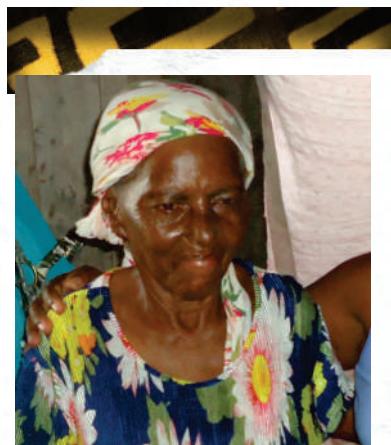


Lagoinha: um território quilombola erguido por **Anas e Marias**



Luana Rodrigues
Juazeiro-BA
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Rodrigues, Luana Pereira.

R6961 Lagoinha: um território quilombola erguido por Anas e Marias / Luana Rodrigues; Nilton Almeida e Eva Monica Sarmento; Luazeire BA: UNIVASF, 2022.

85p. : il.

E-book (formato PDF).

ISBN:978-65-8864897-1

1. Quilombo de Lagoinha (BA) 2. Mulheres negras quilombolas. 3. Trabalho doméstico. I. Título. II. Almeida, Nilton. III. Sarmento, Eva Monica.

CDD 305.896

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Biblioteca SIBI/UNIVASF
Bibliotecário Renato Marques Alves, CRB/658.



Ficha Técnica

**Luana Rodrigues - Professora e mestrand
do
Programa de Pós-graduação em Extensão
Rural (PPGExR) da Universidade Federal
do Vale do São Francisco**

Orientador: Prof. Drº Nilton de Almeida

**Co-orientadora: Prof. Drª Eva Monica
Sarmento**

**Organização
Luana Rodrigues**

**Revisão
João Victtor Gomes Varjão**

**Projeto Gráfico
Carmen Angélica Costa Melo**

**Consultor
José Henrique Santos Souza**

**Acervo fotográfico das entrevistadas
e de Márcia Guena dos Santos**

**Coordenação Editorial
Editora Oxente**



Luana Rodrigues

Luana Pereira Rodrigues é ativista dos movimentos negros e de mulheres negras. É pedagoga pela UNEB. Professora das Redes municipais de ensino de Juazeiro e Petrolina. Trabalha com formação continuada para professoras/es e grupos temáticos. Especialista em Educação em Gênero e Direitos Humanos pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinares Sobre a Mulher - NEIM/ UFBA e mestrandona em Extensão Rural pela UNIVASF. É integrante do Núcleo de Estudos Étnicos e Afro Brasileiro Abdias do Nascimento Ruth de Souza - NEAFRAR/UNIVASF, do Projeto de Pesquisa e Extensão Grupo de Articulação Quilombola do DCHIII- UNEB, do Grupo de Pesquisa Hierarquização Étnico-Raciais em Comunicação em Direitos Humanos - RHECADOS.

Entre Juazeiro-BA

(CO)

AUTORAS:

Luana Rodrigues

**LAGOINHA,
CASA NOVA-BA**

Ana Rita

Maria Roberta

**Raimunda dos
Santos**

**Maria Pacheco
(Mariinha)**

Maria dos Anjos

Maria Jesuína

Prefácio

Prof. Dr^a Céres Santos

A leitura do E-book de Luana Rodrigues Lagoinha, um território quilombola erguido por Anas e Marias, me remeteu a várias reflexões. Uma delas foi sobre o papel das Políticas de Ações Afirmativas para ampliar o acesso de estudantes negros/as no Ensino Superior brasileiro. Até porque, como Luana faz questão de ressaltar, o E-book é o produto final do seu Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural (PPGExR) da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), o primeiro da instituição a adotar cotas raciais.

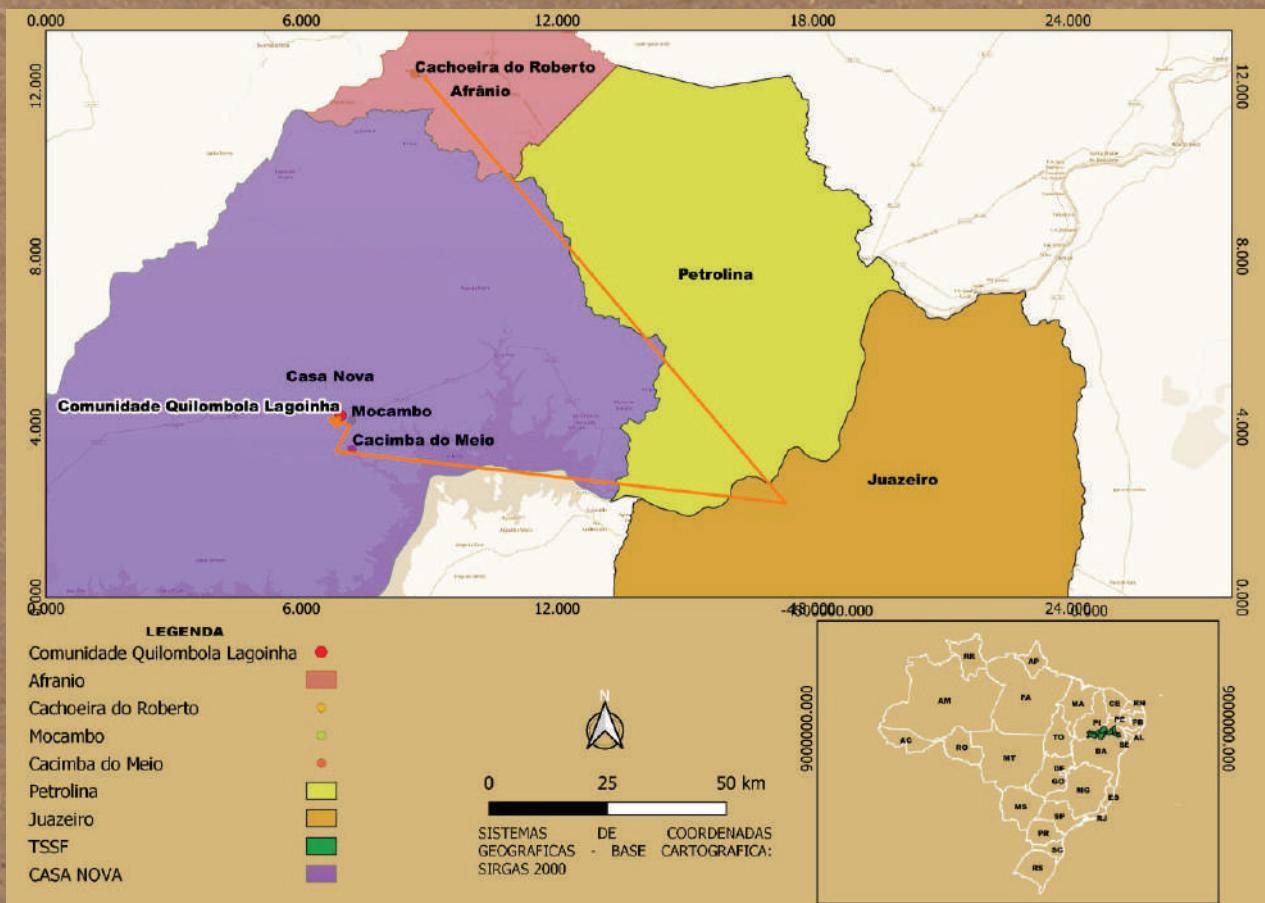
Acredito que a presença de estudantes negros/as no 3º grau tem sido a mola propulsora de pesquisas, a exemplo deste E-book, que promovem um giro epistemológico na produção acadêmica. Sim, este trabalho se configura como fruto de um ativismo que movimenta a academia para que enxergue o seu entorno para além das lentes eurocêntricas. São pesquisas como essa que se encaixam na afirmação de Lélia Gonzalez: ‘tá armada a quizomba’.

Afinal, é de um lugar de fala, de reconstrução histórica, de valorização das mulheres negras que Luana dá visibilidade a perfis de seis mulheres quilombolas, de forma singular e observando os ensinamentos de Patrícia Hill Collins, quando fala da necessidade de nós mulheres negras, escrevermos sobre nós mulheres negras. Essa é a principal saída para darmos um basta de estereótipos e representações negativas! É essa produção que coloca à mostra, a potência dos afetos, da solidariedade, da ideia de liderança e do pensar coletivo, típico das mulheres negras. Inclusive, daquelas que ainda hoje não se veem como feministas, embora sejam. É essa produção que nos remete a palavras de ordem, 'chicles', típicos dos feminismos negros no Brasil, como: 'nossos passos vêm de longe' ou 'uma sobe e puxa a outra'.

Basta ler os perfis construídos por Luana das seis guerreiras quilombolas de Sítio Lagoinha, para se ter a certeza da importância das Anas e Marias na construção e manutenção não só desse quilombo, mas também, do aquilombamento necessário para a luta antirracista. Nesse sentido, a leitura deste E-book tem relevância singular.

Céres Santos é ativista dos movimentos negro e de mulheres negras. É jornalista e tem doutorado pela ECA/USP. Estuda sobre Políticas de Ações Afirmativas; Imprensa Negra; Comunicação antirracista, Educom e feminismos negros. É professora na UNEB, no Curso de Jornalismo em Multimeios, em Juazeiro/BA, é vice coordenadora do Grupo de Pesquisa Hierarquização Étnico-Raciais em Comunicação e Direitos Humanos (RHECADOS) e participa do grupo de estudos do Centro de Estudos Latino-americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC/USP).

Lagoinha, Casa Nova-BA



Território Sertão do São Francisco



"A família que encontrei em Lagoinha, as orações de Ana Rita e Maria Roberta, transmitindo força para que eu pudesse chegar até o final."

Luana Rodrigues

Para mim, sem dúvidas, escrever tem sido um exercício de cura, apesar de muito dolorida, como tem sido muitas das experiências dessa minha existência. Eu digo que sou muito grata a vocês. Eu sou o fruto do amor transcendental de vocês por mim. E as amo profundamente e digo que serei eternamente grata: A minha família, esse grande quilombo: a heroína da minha vida: minha mãe, Maria Auxiliadora, minha avó Lourdes, meu avô Antônio, minhas tias Jucileide, Marilene, Lucinha, Alexsandra, pela árdua missão em educar a mim e aos meus irmãos: Afonso, Rafael e Amanda, que de uma maneira ou de outra, vamos fortalecendo laços de amor ao longo da vida.

Um destaque para minha mãe e meu avô que tinham uma ideia fixa de que só o estudo poderia nos possibilitar outros horizontes e que por mais que eu tenha me perdido em alguns momentos da vida, eles eram a minha consciência latejante, que nunca me deixava esquecer a importância da educação para uma mulher preta e pobre.

A Jomar Bem Vindo, meu companheiro e ao meu filho, João Gabriel, por amor a vocês eu modifiquei o meu modo de ver e de agir no mundo.

Às minhas amigas e amigos queridos ao longo da vida sempre me incentivaram ao autoamor...

E nessa caminhada especialmente, Willans Soares e João Varjão que me incentivaram a voltar a estudar.

Às amigas, Márcia Guena e Céres Santos pela irmandade. Vocês são a minha referência de intelectualidade e ativismo na luta feminista negra,. Vocês me ajudaram na minha maior experiência de autoconhecimento, “quando me descobri uma mulher negra”.

À Célia Regina, Iuana Louise, Eduardo Rocha, às pessoas, grupos e coletivos, que estiveram conosco nessa construção, porque ainda são frutos do que plantamos lá atrás, na Diretoria de Diversidade na Prefeitura de Juazeiro - BA.

A amiga Carmen Angélica Costa que vem marcando o mundo com a beleza e generosidade presentes no seu bordado digital, e que aceitou estender para esse trabalho.

Aos professores e professoras e colegas de mestrado pelos valiosos encontros e pelo compartilhamento generoso de tantos saberes e experiências importantes, além, é claro, dos fartos e deliciosos cafés da turma R4.

Em nome de toda a turma eu preciso destacar Maira Costa e José Henrique, o nosso trio, aliviou e muito os dias mais difíceis do grande desafio que é cursar um mestrado.

A Henrique, esse amigo que a luta pelos direitos das comunidades tradicionais me possibilitou. Um amigo que não largou minha mão, uma única vez. Gratidão, meu querido amigo.

À família que encontrei em Lagoinha, as orações de Ana Rita e Maria Roberta, transmitindo força para que eu pudesse chegar até o final.

Ao meu amigo, companheiro de lutas na militância negra e o meu orientador, o Prof. Doutor Nilton Araújo de Almeida, que junto com os poucos professores negros e negras que encaram esse desafio, tem possibilitado um aquilombamento na UNIVASF - Uma rede de apoio entre pesquisadoras/es negras/os além de espaços para a circulação da nossa produção e, principalmente, tem incentivado aos seus alunos e alunas a incursão pela produção das/dos intelectuais negras/os da diáspora em um movimento importante que tem gerado frutos para a comunidade negra interna e externa nas regiões em que a UNIVASF tem inserção.

Por fim, sou principalmente grata às mulheres e aos homens da comunidade Sítio Lagoinha, especialmente: Ana Rita, Maria Roberta, Raimunda, Mariinha, Maria Dos Anjos, Maria Jesuína, José (Zemar), Bartolomeu (Lameu), Ricardo e Gileno, que generosamente se disponibilizaram para a realização dessa pesquisa e para, além disso, suas histórias de luta e resistência exigiram de mim um alargamento importante do meu pensamento (colonizado) e da minha visão de mundo, para a compreensão desse universo que é o quilombo Sítio Lagoinha.

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela
A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue e
fome.
A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem - o hoje - o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(Conceição Evaristo)

sumário

-
- Apresentação - 17
 - Mapa - 22
 - Maria Tô Boa - 23
 - Espírito Santo - 25
 - Cícera - 29
 - "Toda Mulher Negra é um Quilombo" - 32
 - Ana Rita - 33
 - Maria Roberta - 41
 - Maria dos Anjos - 46
 - Maria Jesuina - 50
 - Mariinha - 56
 - Raimunda - 61
 - Posfácio - 66
 - Fontes Consultadas - 67
 - Anexos - 70

Apresentação

O presente e-book é produto didático, resultado da pesquisa de mestrado em Extensão Rural pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, somando-se à dissertação intitulada “Gênero, trabalho doméstico e educação no quilombo: uma análise interseccional sobre mulheres negras do Quilombo de Lagoinha (BA)”. A pesquisa qualitativa teve como metodologia científica uma abordagem etnográfica, por meio da observação participante e, principalmente, a partir da escuta das narrativas de vidas de mulheres que exercem posições de referência na comunidade quilombola Sítio de Lagoinha, localizada do município de Casa Nova/BA, no Território de Identidade Sertão do São Francisco.

Ao longo de um centenário, gerações de existência de um território quilombola foram se gerenciando e se atualizando a partir das necessidades impostas, mas com o constante fortalecimento dos laços de parentesco. Partindo do princípio de que “toda mulher negra é um quilombo” (Dealdina, 2021), percebemos, com a pesquisa, que a mulher negra de Lagoinha ocupa um lugar central na manutenção do quilombo.

A ancestralidade da mulher negra definiu os caminhos do quilombo de Lagoinha. Por isso, este ebook é sobre esses

corpos que geram, cuidam e são o próprio quilombo. Nesse sentido, serão apresentadas narrativas de vida de seis mulheres quilombolas da comunidade quilombola Sítio Lagoinha: Ana Rita (61 anos), Maria Roberta (60 anos), Maria da Silva Pacheco (58 anos), Raimunda dos Santos (49 anos), Maria Jesuína (83), Maria dos Anjos (39 anos), bem como de suas ancestrais como uma forma de compreender a formação do território quilombola - desde as primeiras andanças de Maria Saturnina em 1910, que se desloca de Pernambuco para a Bahia e finca suas raízes do “lado de cá” do Rio São Francisco, à sua filha, Cícera, a mãe do Quilombo Lagoinha, falecida em 2021.

Por meio de suas trajetórias, conheceremos mais sobre a complexidade de suas venturas, desventuras, realizações, bem como as violências que atravessam a existência dessas mulheres ao longo do tempo. Suas narrativas tocam em pontos fundamentais para compreensão do racismo generificado no Brasil: o trabalho doméstico, a luta pela educação, a infância atravessada pelo trabalho árduo na lavoura, a violência doméstica, a problemática de classes e a exclusão de grupos étnicos por meio de pressupostos baseados na alteridade.

Apesar dessa dura realidade, as narrativas também apresentam experiências do afeto e do pertencimento ao quilombo, enquanto um lugar seguro, de possibilidade do retorno e da afetividade.

Assim como apresentam a força da ação coletiva no processo de autodefinição que se contrapõe às violências e que já apresentam uma curva crescente com indicadores das conquistas que vão acontecendo, principalmente a partir da certificação quilombola pela Fundação Cultural Palmares em 2016.

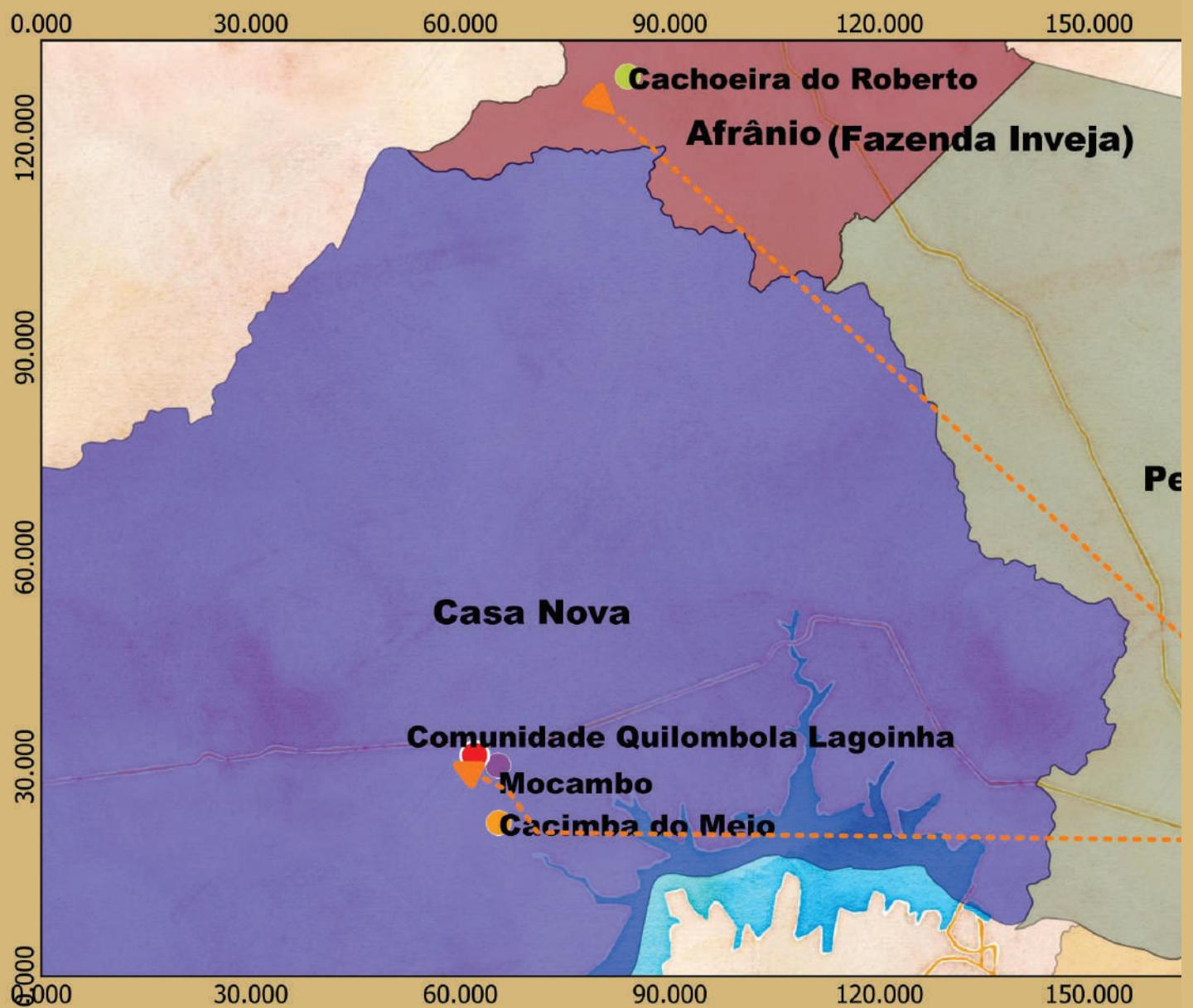
São trajetórias de vida que demonstram a relevância social, cultural e acadêmica, fundamental para a efetivação de uma pesquisa dessa natureza, possibilitada pelo contexto interdisciplinar de um Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural (PPGExR) da Universidade Federal do Vale do São Francisco, que oferece essa possibilidade quando pretende não apenas pesquisar povos e comunidades tradicionais, mas incentiva que ocupem esse espaço acadêmico. É importante destacar que o PPGExR foi o primeiro programa de pós-graduação com cotas raciais e para a inclusão de PCTs na Universidade Federal do Vale do São Francisco, em

consonância com o ativismo dentro da UNIVASF, que tem realizado mobilizações importantes para a mudança do cenário acadêmico. Esse programa, por meio do tripé, pesquisa, ensino e extensão, tem apresentado importantes resultados no que se refere às existências dos povos e comunidades tradicionais.

Esse esforço em realizar uma pesquisa com mulheres negras quilombolas tem por pretensão possibilitar, para o campo de agências e agentes da extensão rural, para o público em geral e para os próprios movimentos sociais, um olhar sobre a visibilidade, o protagonismo, a valorização e o reconhecimento político das mulheres quilombolas, ressaltando a agência que desempenharam em sua história.

Por fim, para mim, desde que retomei os estudos, após cinco anos depois de conclusão da minha graduação, na especialização, em um projeto de intervenção como produto da conclusão do curso, que venho refletindo sobre aquilo que mais me chama atenção em todo o universo social e comunitário, seja no urbano ou rural, das realidades que eu conheço. Refiro-me aqui à força empenhada pela mulher negra nas lutas para a melhoria da qualidade de vida nas suas famílias, nas comunidades, nos partidos, nas organizações sociais, na igreja, no movimento negro, no movimento

feminista e na maioria dos processos coletivos de organização social. Refletir a sua agência, que se apresenta mesmo em meio à invisibilidade e desumanização, tem sido uma experiência reveladora para o meu olhar enquanto pesquisadora em formação, ativista e mulher negra.



- Comunidade Quilombola Lagoinha
- Cacimba do Meio
- Mocambo
- Casa Nova
- Cachoeira do Roberto
- Juazeiro
- Afrânia

FONTE: ELABORADO PELA AUTORA E POR JOSÉ HENRIQUE (2022)

Maria Tô Boa

Maria Saturnina era conhecida pelo apelido de Maria "Tô Boa". Quando questionei sobre o motivo do apelido, diziam-me que se devia ao fato de que tudo que perguntavam a ela, Maria respondia: "tudo estava bom", independente das dificuldades que estivesse enfrentando. Maria Tô Boa, na ocasião em que ficou viúva, visando garantir a sobrevivência dos seus três filhos, fugiu da seca e da fome. O neto dela, Gileno Pedro da Silva, conta que ela teve 11 filhos, os mais velhos seguiram para o Maranhão e Maria tomou o sentido oposto com os filhos mais novos. De acordo com sua bisneta, Ana Rita, Maria Tô Boa é oriunda da Cachoeira do Roberto, identificada como uma das mais antigas povoações do Sudoeste pernambucano, cujas raízes históricas remontam ao princípio do século XIX (Monteiro, 2017), nas imediações da denominada Fazenda Inveja, aquela que 50 anos depois, em 1963, se tornaria o Município de Afrânio, no estado de Pernambuco (Afrânio, 2017). Por volta de 1910, Maria Saturnina seguiu para a direção do Rio São Francisco

com seus três filhos, Valério (12 anos), Pedro (11 anos) e Terto (10 anos), sendo a sua primeira parada em Juazeiro (BA). Essa já era um centro comercial importante, principalmente por se localizar na rota fluvial comercial. Nesse momento, foi encontrada pelo fazendeiro Adolfo Castro, dono da Fazenda Cacimba do Meio, localizada no município de Casa Nova na Bahia, à beira do São Francisco. O fazendeiro chamou Maria para trabalhar em suas terras. De acordo Ana Rita, não se sabe muitos detalhes, mas acredita que a bisavó fazia de tudo, trabalhava na roça e na casa do patrão em troca de criar os filhos e alimentá-los, já que era viúva e desempenhava sozinha no papel da criação e sustento dos filhos. De acordo com Ana Rita, não se sabe ao certo, mas acredita-se que Maria Tô Boa viveu mais de 100 anos.

Ana Maria do Espírito Santo (1899 * 1995)

Em 1927, Ana Maria do Espírito Santo chega à fazenda Cacimba do Meio orfã de mãe aos nove anos. Aos onze anos, sem suportar mais os maus-tratos da madrasta, Ana Maria veio em busca da família que estava na Bahia. Ana Maria morava em Pernambuco, na localidade de onde Maria Tô Boa saiu com seus filhos, a Cachoeira do Roberto em Afrânio (PE). Pedro, seu primo, e Ana Maria se apaixonaram e viveram um grande amor. Apesar disso, a relação ia contra os princípios da igreja, conforme nos conta Ana Rita, por seus laços de parentesco, não deveriam se casar. Mas não teve jeito, foi um início difícil, tentaram manter em segredo o relacionamento, mas o tempo foi passando, os primeiros filhos chegaram e eles ficaram juntos. Apenas nesse momento, o patrão que também havia firmado laços de compadrio com Pedro, designou que ele fosse cuidar da fazenda Mocambo junto da família.

Ao final da década de 1930, Pedro e sua família foram erguer e cuidar da fazenda Mocambo para o patrão. A Fazenda Mocambo está localizada a 10 km do rio São Francisco e a 4 km de onde fica situada a comunidade do sítio Lagoinha hoje.

A fazenda tinha um vasto pasto e era adequada para a criação de gado. Ana Maria e Pedro do Mocambo, como era conhecido, tiveram onze filhos, três mulheres e oito homens: Maria Eulina, João, Ana Raimunda, Felipe, José, Graciliano, Martiniano, Cleto, Maria Jesuína, Gileno e José Pedro.

Quem indicou Ana Maria do Espírito Santo para a pesquisa foi a sua única filha viva, Maria Jesuína, que em sua narrativa fala com amor e admiração o quanto a sua mãe era forte e determinada. Ana Maria do Espírito Santo, aquela que gestou o Mocambo - por isso, a mãe do Mocambo - estava em toda parte, entre a roça, a casa o cuidado e a educação dos seus filhos e filhas: "- Mamãe era feito um homem. Homem nenhum, colocava enxada na frente dela não, hum.hum, não senhora. É, mamãe é. Não tinha macho pra botar inchada na frente dela não. Botava não, não senhora, de jeito nenhum (.). Mamãe era uma mulherzona alta.

Mamãe era alta". (Entrevista cedida por Maria Jesuína, 89 anos).

Essa fala de sua filha Maria Jesuína não ocorre em um sentido que fortalece estereótipos oriundos da escravidão, desumanizantes de uma mulher negra, pelo contrário, a filha se refere à mãe com admiração por sua força e determinação com que ela enfrentava as inúmeras atividades exigidas daquela mulher para a sobrevivência dos seus.

E relata que aprendeu tudo com a sua mãe: a lida e o respeito com a terra, fazer queijos, cozinar desde muito cedo, aos 6 anos, higiene. Assim como os valores, como o exercício da fé, não negar um prato de comida a ninguém, liderança e determinação. Dessa forma, revela-se não apenas como era exercida a maternidade, mas também percebida a humanidade dessas mulheres negras por suas mais novas.

Eram variadas as habilidades que Ana Maria precisava desenvolver, a lida com a terra, o plantio, a colheita, a retirada do mel e da cera, assim como fazer o melhor queijo da região, como diziam.

Todas as atividades eram voltadas para garantia da subsistência da família e para garantir algumas das coisas que faltavam - o excedente era comercializado na feira que existe desde Casa Nova Velha. Todos esses saberes foram passados para suas filhas e filhos, assim como os valores, como a importância da família ou o respeito e o amor pela terra. Era com ela que os seus aprendiam o que era importante para a vida.

Na Fazenda Mocambo, em que Pedro e Ana Maria do Espírito Santo trabalharam mais de 70 anos, eles desenvolveram atividades com a terra, com os animais e criaram seus filhos. Nesse ínterim, João, seu filho mais velho, cresceu. Coube a ele assumir a função de vaqueiro da Fazenda Mocambo. E foi João, que apenas na terceira geração, recebeu outras terras como uma forma de indenização das gerações de trabalho da família de Maria Tô Boa. Essas terras mais tarde receberiam o nome de Lagoinha.

Cícera



A imagem mostra dona Cícera e filhos, celebrando a conquista da primeira cisterna de Lagoinha. Fonte: acervo de Ana Rita

"Minha mãe sempre era aquela mulher guerreira, aquela mulher forte de fé. Ela dizia: "minha filha, se não der certo, venha embora". Uma coisa que eu não me esqueço da minha mãe. Quando eu saía de casa, ela me dava aqueles remédio pra mim trazer, aquelas casquinhas de pau e botava uma agulha e uma linha num paninho no novelinho. Cê sabe o que é novelo? Ele era branquinho assim redondinho até um carrinho. Aí ela enrolava aquela linha e dava prá gente consertar roupa". (Entrevista concedida por Maria Roberta, filha de Cícera, a mãe do quilombo Lagoinha em 2021).

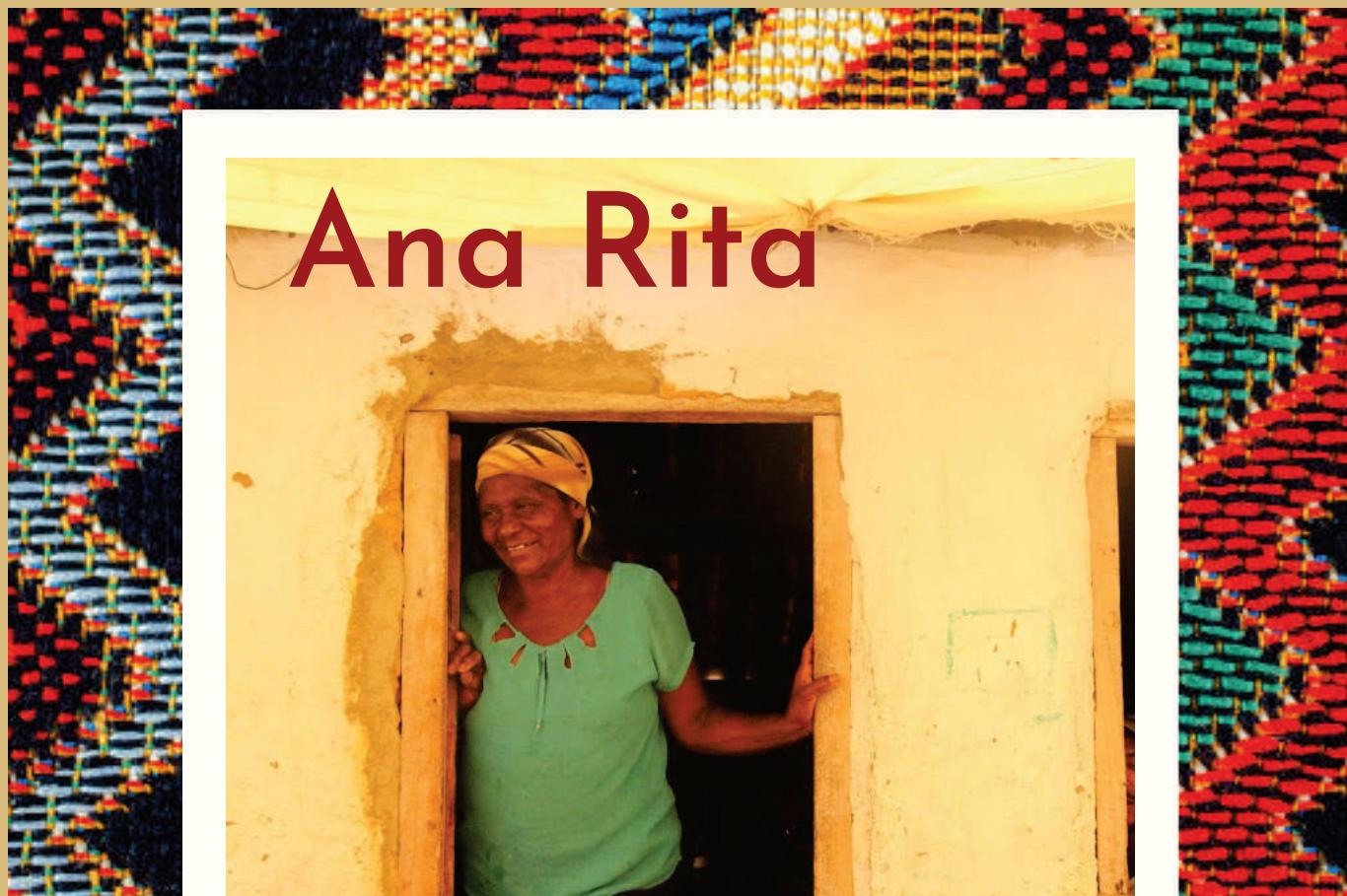
Dona Cícera, a mãe de Lagoinha, era a parteira que trazia ao mundo as filhas e filhos de Lagoinha e, comunidades adjacentes. Era também a “médica”, pois rezava para as doenças do corpo físico e da espiritualidade e também receitava as ervas que equivalia à cura de tais enfermidades. Era a conselheira e também quem acolhia. Eu me lembro Dona Cícera contar que seu esposo e toda a sua família passaram muitas necessidades pela “ruindade do patrão” e que o trabalho de João era como o trabalho escravo, não tinha hora certa para o descanso, em muitos dias não trazia nada para casa. Assim como foi na vida de Ana do Espírito Santo e Pedro do Mocambo, era Cícera que, junto a suas filhas, desbravaram o impossível para alimentar a família. Em sua narrativa, a filha de Cícera, Maria Roberta, que viveu a sua vida dedicada ao trabalho doméstico para ajudar a mãe e o pai na manutenção do quilombo, demonstra o amor e o cuidado com os filhos e filhas, mesmo quando essas não estavam perto.

Ela andava com um novelinho de lã e as agulhas na mala para que sua filha nunca andasse maltrapilha. Em um dos momentos vivenciados em Lagoinha, Ana Rita me contou que depois da morte do seu esposo, cuidou dos filhos, somente deles, deixando, muitas vezes, o seu autocuidado, a atenção e a sua autoestima de lado, e que era a sua mãe que buscava ascender na filha um pouco de autoestima, pedindo que ela arrumasse o cabelo e colocasse um perfume. Ana Rita conta que sua mãe sempre foi um tanto vaidosa, nunca deixou de passar cremes no corpo e o perfume logo após o banho todos os dias.

A essa líder quilombola em que o seu amor, fé e agência são demonstradas nas narrativas das mulheres de Lagoinha, rendemos as homenagens póstumas, à partida de Cícera, a mãe de Lagoinha, para que ela nunca seja esquecida.

"Toda
mulher
negra é
um
quilombo"

Selma dos Santos Dealdina



Ana Rita

Fonte: acervo de Márcia Guena dos Santos.

"Aí eu fui e fiz a prova. Aí eu fiz o curso, passei e aí vim dar aula. Eu comecei a dar aula em setenta e sete. Acredita? Aí eu cheguei aqui, toda vida eu fui uma pessoa que eu conquistava os pais de família, todo mundo gostava de mim. Minha vida era essa. Eu ajudava um, os vizinhos eram longe, mas eu andava na casa dos vizinhos. Eu rapava a mandioca pra um, arrumava a casa pra outro, tratava uma buchada. Eu tinha amizade com todo mundo, todo mundo gostava do meu trabalho, gostava de ver quem era eu, e aí eu arrumei aluno. Fui dar aula. Quando eu comecei dar essas aulas o povo se encantava com o que eu sabia (risos) que eu não..não.. Foi Deus que me deu".

(Entrevista concedida por Ana Rita em 2021)

Ana Rita, 61 anos

Ana Rita dos Santos Silva era a filha mais velha de Cícera, a mãe de Lagoinha, e João do Mocambo. Sua história é marcada pela luta por sua escolarização e o sonho de ser professora e ensinar a sua comunidade.

Posteriormente, a mesma gana e determinação para a garantia da educação dos seus dois filhos. Essa luta remete à história de lutas da população negra brasileira pelo direito à escolarização e o acesso à educação.

Rita iniciou na profissão docente em 1977, antes de completar 14 anos. No mesmo ano em que aprendeu rapidamente a cartilha do ABC, começou a ler e a escrever e iniciou a ensinar em um lugar totalmente carente de políticas educacionais e toda natureza. Ela foi à busca da legitimidade do seu sonho de ser professora e de ensinar a sua comunidade:

- *Deus me disse que um dia eu ia ser uma professora.»*
Em 1981, foi contratada pela Prefeitura de Casa Nova, como professora, criando o vínculo formal e em 1987 quando já tinha concluído o 1º grau” que equivale ao atual Ensino Fundamental séries finais.

Em 1987: "Terminei esse curso, aí vim pra Casa Nova. O prefeito de Casa Nova assinou minha carteira. Aí, pronto. Eu fiquei professora".

A professora Ana Rita seguiu na profissão até a implementação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1996, que em sua primeira versão exigia dos docentes do ensino fundamental 1, formação de nível superior ou que tivessem cursado o magistério.

Rita, que só tinha o ensino médio em sua formação, imediatamente teve o seu cargo de professora rebaixado a auxiliar de sala de aula, ou seja, Ana Rita não gozava da segurança, a mesma que os trabalhadores acreditavam, com o acesso à CLT.

Após 20 anos de profissão para esse corpo negro, a carteira assinada ou um vínculo institucional de duas décadas “não garantiram o seu direito adquirido”, Rita foi rebaixada para a função de auxiliar de sala aula em uma creche e, ao final, foi para a cozinha dessa mesma unidade escolar.

Sem suportar a perseguição e todo o assédio moral que relata ter sofrido por parte de determinadas chefias e trocas de gestão que iam atuando para o

apagamento da história de Rita como professora, viu-se obrigada a se aposentar por tempo de serviço.

Contudo, redobrou forças e seguiu em busca de vários direitos em que a prefeitura lesou a trabalhadora. Representou judicialmente à Prefeitura de Casa Nova (BA), em busca dos seus direitos trabalhistas e aguarda, até então, a conclusão do processo, já são mais de 10 anos.

Refletir a história de Ana Rita é também pensar inúmeras professoras do MOBRAL, Brasil afora, no dia a dia, se debateram com as adversidades, angústias e vitórias do processo de ensinoaprendizagem. Elas enfrentaram desafios em seus contextos específicos e, para muitas, nem mesmo estavam preparadas para o trabalho docente.” (GOMES, 2012. p.15) E ainda o racismo como um elemento perturbador, impeditivo da legitimação da mulher negra quilombola, enquanto sujeito cognoscente. Em 1987, conheceu aquele que seria seu marido. Quando se casou, já havia completado quase todo esse ciclo com a educação e seus irmãos já estavam “criados”. Como ela diz, somente em 1991 foi tratar de formar a sua própria família.

Um casamento com o homem que lhe possibilitou vivenciar o amor, mas também amargas doses de violências raciais. É com amor que lembra o dia do seu casamento:: Ela se casou no quilombo:

"- E a gente foi lá no fórum, deu os nomes, recebeu a certidão de lá e o padre Zé Antônio, veio fez o casamento aqui, embaixo desse pé de pau [.]"

Simbólicos são os pés de umbuzeiro que deram morada aos quilombolas de Lagoinha e o pé de algaroba que chegou a receber seus alunos e alunas. Em mais uma demonstração de carinho e respeito por Rita às pessoas de Lagoinha e das comunidades adjacentes, pobres e ricos, negros e brancos, compareceram ao seu casamento. Ana Rita foi mais uma das Anas e Marias a enfrentar o racismo por parte da família do seu companheiro. Mais uma vez, a família não aceitava o casamento do filho com uma mulher negra e pobre.

Não que a família dele fosse rica ou branca, mas o racismo que Rita enfrentou foi muito forte. - Para minha sogra as "fia" dela eram decentes. Que podiam se apresentar em qualquer lugar e eu não, que eu era negra. No ano de 2010, Rita perdeu o seu companheiro com 19 anos de casamento, de maneira repentina. Esse foi um momento de profunda tristeza para ela.

"Quando ele morreu, eu fiquei meio desativada!". Ela afirma que nunca esqueceu o seu companheiro e também não quis refazer a sua vida amorosa. Os filhos de Rita tinham, respectivamente, 14 e 16 anos quando o pai deles faleceu. Ambos estavam estudando, porque a batalha de Rita pela educação nunca se findou.

Nesse momento, precisou se reerguer para garantir que os filhos continuassem estudando. Rita conta que criou seus filhos em uma creche e que nunca os tirou da escola. Depois do falecimento do marido, tiveram que se restabelecer. Eles voltaram a trabalhar na feira, mas os meninos continuaram a estudar:

"E eu tinha que ficar firme pra poder meus filhos vencer. Eu não pensava em outra coisa, só pensava nesses dois filho. Aí como a renda ficou pouca depois que eu tirei os empréstimo uma geladeira e comprei os computador prá eles, pagava a escola, pagava a mensalidade e toda coisa corria na aposentadoria. (.) é meu dinheirinho da aposentadoria que me socorre e eu ajudando meu povo. Aí eu e eu fazia beiju, vendia na feira, fazia beiju, fazia meu salgado e fui levando e fui levando e que graças a Deus hoje nós tamo nós continua aqui, nós, nossos filhos, mas foi muito difícil, parecia uns casamento pra mim e eu não quis casar [.]

Eu gostava de festa, eu gostava de beber, eu gostava de andar toda arrumadinha, de botar a bobe nesse cabelinho, andava toda arrumadinha e depois disso, eu fiquei só prá cuidar de meus filhos e de minha mãe.

Porque eu imagino assim, se eu for dar uma mau vida a meus filhos, eles vão se perder. Só o que eu pensava era isso. E não foi bom eu ficar assim? Eu hoje não tô colhendo fruto bom?". (Entrevista cedida por Ana Rita Silva Souza, 2021).

Rita, que passou a morar na área urbana em Casa Nova desde que se casou, voltou para a roça, plantou, colheu e continuou fazendo seus quitutes artesanais para vender na feira e, junto da sua aposentadoria tão insuficiente, conseguiu custear os estudos dos filhos.

A agência de Rita, na luta pelo acesso à educação, levou seus filhos a serem os primeiros das duas famílias, paterna e materna, a cursar o ensino superior.

O filho mais velho, Cícero, cursou gestão comercial, na Universidade de Maringá, em um pólo à distância, localizado no município de Juazeiro da Bahia. O mais novo, José Henrique, aos 24 anos, é graduado em Geografia pela UPE/Petrolina, tem cinco cursos de especialização, três concluídos e dois em fase de conclusão, assim como está em fase de conclusão do Mestrado em Extensão Rural pela UnivASF, o qual é meu colega de turma e que, orgulhosamente, tenho como amigo.

Rita, aos 61 anos, permanece trabalhando da hora que acorda até a hora que vai dormir. Essa agência feminina negra ainda apresenta, no exercício da missão comunitária, os cuidados com a terra. Ana Rita acredita na força das coletividades e tem fé na educação como um caminho que determinará melhores condições de vida para os filhos e filhas do Quilombo Lagoinha.

Não é precipitado afirmar que todo o processo de auto-organização e de autodefinição que vem vivenciando o quilombo Sítio Lagoinha tem relação direta com a luta de Ana Rita. Apesar dos sistemas opressores, os sujeitos negros e negras do quilombo de Lagoinha seguem existindo e resistindo.



Maria Roberta

Fonte: acervo de Maria Roberta Santos Silva

"Tudo que você tem, tem que ter luta. Sabe por quê? Eu vou lhe contar, (...) eu era uma pessoa que eu tinha muito (...) Malvão. Aí meu Malvão, de tanto eu dar o povo, acabou. Aí (...) eu fui pedir umas folhinhas à mulher, a mulher me deu umas galhinas e me deu uns pauzinhos. Então, eu peguei essas folhinhas, fiz o chá, tomei, peguei esses pauzinho e botei pra pegar. O caqueiro está cheio.

Então porque eu lutei se eu tivesse jogado pra lá, hoje eu não tinha o malvão". (Entrevista concedida por Maria Roberta em 2021).

Maria Roberta, 60

Maria Roberta Santos da Silva tem 60 anos e é a segunda filha de João do Mocambo e Cícera. Uma mulher com muita fé em Deus e que tem a certeza de um futuro iluminado.

Como todas as filhas e os filhos de Cícera, netas de Ana Maria do Espírito Santo, na infância muito fortes são as “memórias da plantação” (Quilomba, 2018, p. 158).

Como outras adolescentes da família Silva Santos, Maria Roberta não tinha nem 13 anos quando saiu de casa para trabalhar, por muito pouca remuneração, em casas de família para ajudar na sustentação do próprio quilombo e dos quilombolas. Era “quase tão criança quanto às crianças de quem cuidava”. (GONZALEZ, 2018).

Foram 47 anos de trabalho, sem a garantia de nenhum direito trabalhista e Maria só parou por problemas de saúde, resultado das atividades extenuantes desde a infância. Desde muito pequena, já pegava muito peso: "- Um bujão, um bode cortado em cima do carro, só era pegar no saco, jogava no chão, saco de farinha tombava tudo. Nós lá de casa, nós tivemos uma vida muito pesada devido a gente morar numa área de sequeiro e não ter condições."

(Entrevista concedida por Maria Roberta em 2021).

Maria Roberta acredita que a solidão é um mal de família, como uma doença hereditária ou uma maldição. Ela não teve filhos biológicos, mas afirma que participou ativamente da criação dos sobrinhos.

A expressão “como se fosse da família” tinha um limite bem estabelecido pois Maria Roberta entende que foi vítima de racismo e que por causa disso vivenciou muita crueldade por parte dos seus patrões, principalmente, pelos filhos e filhas das patroas: " -Que nós mulheres negra, nós somos muito sofrida, nós trabalha pros branco, mas os brancos não têm essas coisas pra nós. Eu trabalhei pra tanta gente branca". Maria Roberta conta que sempre gostou muito de carnaval, principalmente porque na “fantasia” que era o carnaval, ela esquecia das iniquidades sofridas ao longo da sua vida:

- Já pulei muito carnaval, felicidade cê tando pulando carnaval, cê não tá vendo nada. Tá ficando feliz lá no meio do bloco lá.: Ei! Você aí! Me dá um dinheiro aí!" Ela conta que ia constantemente a Juazeiro/BA, no período dos antigos carnavais dos clubes 28 de Setembro e Apolo. Que o trabalho lhe proporcionou uma coisa boa que foi conhecer muitos lugares.

" - Andei muito, eu já andei em Salvador, eu já andei em Recife, eu já andei no Ceará, Iguatu. Eu conheço Petrolina, Juazeiro, Sobradinho, Sento-Sé, Remanso, Pilão Arcado. Eu andei, pra mim, isso foi bom. Já andei no mundo e tenho fé em Deus que ainda vou andar ainda".

Aos finais de semana, ia à casa de sua mãe e lá em seu território quilombola podia vivenciar a cultura, o afeto da sua família, principalmente de sua mãe, as amizades. Isso era o que mais lhe satisfazia.

Outra coisa que faz questão de dizer foi a promessa cumprida do seu pai, João do Mocambo, que prometera dar uma casa a Maria Roberta. "- Eu acho que essa palavra ele cumpriu. Ele fez essa casinha, aqui, aí fomos... Aí fomos fazendo, fomos fazendo, ajuda de um, ajuda de outro, do povo de casa".

Para Maria Roberta, ser mulher quilombola é ser uma pessoa de fé, coragem e que luta pelos seus objetivos: " - Tudo que você tem, tem que ter luta. Pois bem assim somos nós, mulher quilombola, nós tem que lutar pela vida, ajudar o ser humano. Plantar, colher nossas plantas. Aí a gente tem que lutar.

Nós tamo ali na Lagoinha, nós sabe que ali é a área sequeira, não tem tanta coisa de boa, mas tem Deus na nossa vida. Isso nós aprendemos com nossa mãe. Nossa, a minha mãe era uma mulher guerreira. Era uma negra, era uma pessoa guerreira, de fé e muita coragem mesmo. Não gostava de certas coisas e, assim, eu fui criada".

Maria do Anjos



Fonte: acervo de Maria dos Anjos

"De primeiro, quando eu fui cadastrar o meu Bolsa Família, aí eles perguntavam: "Você é quilombola?" Até que um dia eu perguntei a muié, o que é isso? [Ela dá uma risada longa]. Aí ela foi me explicou que quilombola era nego, né? "Ah, tá, tá bom!" Mas me sinto feliz com a minha cor. Gosto de minha cor. Eu amo minha cor. Tenho orgulho da minha comunidade, da minha mãe, minha família todinha é quilombola. Todinha".
(Entrevista concedida por **Maria Dos Anjos** em 2021)

Maria dos Anjos, 39 anos

Se o filho mais velho de Maria dos Anjos da Silva, fosse vivo, hoje teria 23 anos. Gleidsom era o seu nome, morreu ao completar quatro meses de idade por conta de uma complicaçāo cardíaca. Essa morte marcou a vida de Dos Anjos e tudo que aconteceu antes e depois dessa passagem é a história da sua vida.

Maria dos Anjos é filha caçula de Maria Jesuína. Aos 13 anos, quando deixou o quilombo pela primeira vez, foi para trabalhar no serviço doméstico, seguindo o mesmo caminho de muitas das Anas e Marias de sua família.

Aos 15 anos, no seu primeiro casamento, Maria dos Anjos foi vítima de violência doméstica. Um casamento abusivo que tirou muitas coisas de Maria: desde a convivência com a família até a manutenção das tradições de seu povo.

Proibida de visitar sua família, Dos Anjos não podia mais ir aos momentos da Quaresma, realizada na casa de sua avó há gerações.

Nem mesmo na despedida da Mãe do Mocambo, sua avó, Ana Maria do Espírito Santo, aquela com quem tinha vivido os momentos mais felizes da sua infância, Dos Anjos pôde se fazer presente.

Com lágrimas nos olhos, disse:

"- Quando minha avó morreu, eu era junto com ele. Na última hora que a minha avó estava morrendo, ela me chamou. Eu não me esqueço desse dia. Ele não deixou eu ir". Após a morte do seu filho, Maria teve que fugir da casa em que vivia com seu agressor, voltou para perto de sua mãe. Retornou para o Quilombo". Em seu segundo casamento, Maria dos Anjos sofreu com o alcoolismo do marido e com as suas práticas de violência psicológica e patrimonial, quando destruía tudo que Maria conseguia conquistar com o suor do seu trabalho, além de sofrer com o racismo da família de seu esposo, que não a aceitava por ser uma mulher negra pertencente a um grupo étnico. Com esse parceiro chegou a viver 12 anos e teve cinco filhos, até o momento que deu um basta no desrespeito e expulsou o marido de casa, momento que foi muito criticada pela sociedade e pela própria família que alegava que ela estava "largando o pai dos filhos dela."

Decidida, Dos Anjos enfrentou o preconceito e seguiu em frente. Há mais de 11 anos vive um novo relacionamento com um companheiro que ela afirma respeitá-la e à sua família, disse que jamais abandonaria os filhos por causa de relacionamento nenhum. Maria dos Anjos aos 39 anos já é avó. Diz-se uma mulher feliz e orgulhosa da sua cor. Sente-se vitoriosa, pois afirma que venceu a violência doméstica e venceu também o racismo. Veio viver no Quilombo de Lagoinha, dos frutos que a terra dá. Hoje, enquanto Maria dos Anjos trabalha com o seu companheiro na roça, sua filha de 15 anos toma conta da avó, Dona Jesuína, aos 83 anos.

Maria dos Anjos é membro da associação dos remanescentes quilombolas de sítio Lagoinha e vai se descobrindo uma mulher quilombola.

Maria Jesuina



Fonte: acervo de Ana Rita Santos Silva

"- Aí mamãe saía, ela botava o leite prá coalhar, do queijo, tá? Aí do jeito que eu via ela fazer eu fazia. O soro era coado prá botar no leite. Eu via como ela botava a água no fogo. Prá ferver, prá botar em cima do queijo (...) sabe aquele grudinho que tem nas unhas nós tira tudo, tinha que alimpar as unhas antes. (...). É, ali sai um, machuca ela todinha, esprema dum lado, torno virar, torna botar massa e agora ali espreme, até quando sai o derradeiro soro. É. Vai sentar junto a massa ali ó e aqui pega e bota na forma. (...) Pois é, espreme bem. Eh! Foi assim que eu preendi fazer queijo com mamãe." (Entrevista concedida por Maria Jesuina em 2021)

Maria Jesuína, 83 anos

Aos 83 anos, Maria Jesuína da Silva é uma mulher negra, fiazinha, caminha com dificuldade, tem alguns problemas de saúde como labirintite e alguns lapsos de esquecimento, mas ainda lembra bem dos fatos que marcaram a sua trajetória de vida.

É a única filha mulher viva de Ana Maria do Espírito Santo e Pedro do Mocambo. Estava entre os filhos menores e foi com a mãe que aprendeu tudo que pode aprender. Mas aprendia de olhar, pois se trata de uma autodidata, e não me refiro à escola, pois essa oportunidade ela e seus irmãos nunca tiveram. “Nunca fui à escola”. Mas aprendeu com a mãe e por amor a mãe, desde os 5 anos, a cuidar da casa, a cozinhar no fogão de lenha, mesmo com todas as instruções de sua mãe, para ela não ir para a beira do fogão, porque não tinha idade e, se tratar de uma criança fiazinha.

Aos 7 anos, quando ainda mamava nos seios da sua “mãe” (como ela carinhosamente ainda se refere) já era tempo de mostrar serviço nas cozinhas dos outros e ajudar no sustento da família.

Lembra que as madames ficavam surpresas porque, aos sete anos, já tomara conta de uma cozinha: "- Trabalhava e ganhava presentes", nada de remuneração: "Ganhei muito presente. Eu chegava e tomava conta daquilo tudo. A dona da casa admirava - Você sabe fazer isso? Sei. (.) Não pagava, não. Tinha coisa que eu não recebia delas." Jesuína conta algumas de suas experiências com o trabalho doméstico, a última delas, tinha por volta dos 16 anos, quando foi contratada por uma mulher de Casa Nova para ir trabalhar em sua casa na cidade do Recife (PE). Mesmo com lapsos de memória pela própria idade, lembra perfeitamente que só conseguiu permanecer nesse trabalho apenas um mês e 17 dias. Morava na casa da contratante, que dividia a sua remuneração entre dinheiro e coisas da "higiene pessoal". Decidida como era, não suportou mais os abusos da patroa "(.) Não, era muito enjoada (.) quem ficou prá aguentar grito seu, é sua mãe ou seu pai, eu mesmo tô indo embora!".

A essa altura, pelas casas que trabalhava, pelas cozinhas que já tomara conta, a fama de queijeira era grande. Maria Jesuína, que já estava decidida a não trabalhar mais nas casas de outras famílias, foi fazer queijo para vender e viver com o que a terra podia dar.

Retomara tudo o que aprendera com a mãe na infância. Maria Jesuína era uma das queijeiras mais famosas de Casa Nova. E fala orgulhosa que as pessoas vinham buscar o queijo dela para enviar para o sul, “Quem comia um queijo lá de casa, comia coisa boa!”

O seu primeiro filho veio quando Maria Jesuína tinha 30 anos e a segunda, 11 anos depois, Antônio Domingo e Maria dos Anjos. Além de ser uma mulher negra e pobre, Jesuína era mãe solteira, demarcadores sociais determinantes para as violências das quais Maria Jesuína fora vítima ao longo da sua vida. Esse relato veio das suas sobrinhas Ana Rita e Mariinha de que nas próprias rodas de São Gonçalo, manifestação cultural e religiosa tradicional das comunidades rurais de Casa Nova e em algumas das “Rodas” realizadas por sua família, no próprio quilombo, Jesuína era proibida de dançar, pois apenas mulheres casadas podiam dançar as rodas em louvor ao Santo.

Ana Rita conta que sua tia Jesuína não podia entrar em todos os lugares: "- Aonde ela andava, nas festas que frequentava, as mães de família branca, retiravam suas filhas do salão. Diziam que nós ia ser prostitutas, porque nós a acompanhava.

Olha, se bebesse água na casa de uma mulher desse tipo, era pecado. Tudo isso nós passemos por preconceito. Mas Jesus é tão bom, que para honra e gloria do nosso Deus, nós ganhemos a vitória, que estamos aqui hoje". (Entrevista concedida por Ana Rita, 61 anos, sobrinha de Jesuína, 81 anos).

Contudo, está na fala das mesmas, Jesuína nunca baixou a cabeça, nunca deixou se abater. Disseram que conheceram muitos lugares pela ousadia de sua tia Jesuína, que viajava muito e as levava com ela. E acrescentam: - "nunca fez vergonha a ninguém." Jesuína era proibida de dançar, pois apenas mulheres casadas podiam dançar as rodas em louvor ao Santo. Ana Rita conta que sua tia Jesuína não podia entrar em todos os lugares:

"- Aonde ela andava, nas festas que frequentava as mães de família branca, retiravam suas filhas do salão.

Diziam que nós ia ser prostitutas, porque nós a acompanhava. Olha se bebesse água na casa de uma mulher desse tipo, era pecado. Tudo isso nós passemos por preconceito. Mas Jesus é tão bom, que para honra e gloria do nosso Deus, nós ganhemos a vitória, que estamos aqui hoje". (Entrevista concedida por Ana Rita, 61 anos, sobrinha de Jesuína, 81 anos).

"- Ela levava nós para a missa, para a novena, ela era mãe solteira, mas nós não podia deixar de acompanhar ela. Nesses lugares que nós andava, nós nunca vimos ela com malandragem. E as pessoas gostavam dela, ainda hoje gostam dela. Ela tinha o apreço de muitas famílias ricas de Casa Nova. Ela levava nós para Casa Nova, para Petrolina, Juazeiro, para Remanso, Recife, para todo lugar. O forró, era ela que guiava, lá em casa eram umas 30 moças, 30 jovens para dançar. As suas Rodas de São Gonçalo eram conhecidas por toda região, eram os dela e da Tia Mundinha."

Dona Jesuína concluiu a sua narrativa afirmando:
"- Lá em casa nunca faltou um prato de feijão prá ninguém, para os vaqueiros que vinham de Remanso, prá ninguém".



Fonte: acervo de Márcia Guena dos santos

"Como mãe, eu aprendi muitas coisas, além de trabalhar na roça. Eu dou muito valor ao trabalho da roça, ela não me judiou não. Trabalhamos prá sobreviver, prá ajudar a criar os irmãos mais pequenos. Aprendi a labutar com o milho, o feijão, uma mandioca, um rebanho que a gente tinha pouco, mas tinha sim. Nunca faltou o porco, o bode, a galinha, a ovelha. Era pouco, mas a gente ajeitava. Não deixava as coisas largadas, ajudava a dar comida, a água e aí fomo aprendendo. Eu aprendi muita coisa com a minha mãe. Aprendi costurar, aprendi rezar, graças a Deus, louvar a Deus, que é muito importante, e foi ela que ensinou."

Entrevista concedida por Maria da Silva Pacheco em 2021).

Mariinha, 58 anos

Maria da Silva Pacheco (Mariinha) começou a trabalhar aos seis anos para ajudar a mãe, Cícera dos Santos, e se lembra da dureza daquele tempo.

Todas as pessoas da família, desde muito cedo, desenvolviam a consciência de que precisavam dar a sua contribuição. Ela destaca que era um tempo em que não existiam políticas públicas de transferência de renda ou de qualquer contribuição governamental para a subsistência das famílias pobres, assim a vida era ainda mais difícil.

Aos 15 anos, se apaixonou por seu primo 2º, José da Silva Paxeco, e fugiu de casa para viver com aquele que se tornou seu marido, pai dos seus seis filhos, Bartolomeu: Raimundo, José, Nilson, Wilton e Maria da paz; o avô dos seus 16 netos. Foi morar a oito quilômetros de Lagoinha, na comunidade Pedra do Batista, nas terras que originalmente eram da família do marido e que hoje integra o território quilombola de Sítio Lagoinha. Com sua irmã Ana Rita, enfrentou longas batalhas para garantir a escolarização, Mariinha chegou a ser professora do Moberal por dois anos, mas depois que foi demitida pela Prefeitura de Casa Nova.

Nunca mais deixou o trabalho autônomo com a terra e também conseguia uma renda extra, comercializando doces nas festas como permuta nos lugares em que seu marido era convidado a tocar.

José, 65 anos, é o sanfoneiro da comunidade constantemente convidado para tocar em Lagoinha e pelos arredores, em troca ela vende a sua mercadoria para o público.

Foi por meio dos ensinamentos da mãe, Cícera, que Mariinha e as demais garantiam o sustento e a continuidade das tradições culturais e religiosas do quilombo.

Uma memória que Mariinha traz que foi marcante para o quilombo Lagoinha e para as/os quilombolas foi sobre a gravação do filme “Quilombos da Bahia” do cineasta Antônio Olavo. O ano de 2002 marca a passagem de Antônio Olavo por Lagoinha um momento importante de reencontro com a identidade, assim retratado pelas/os quilombolas. Foram 12 mil km percorridos e o resultado foi o documentário “Quilombos da Bahia”.

Uma iniciativa inédita, o filme assumiu o propósito de retratar a imagem negra rural do Estado da Bahia.

De acordo com o cineasta, a obra foi a primeira contribuição no estado, para a implementação da Lei 10.639 de 2003, que alterou a Lei de Diretrizes

e Bases da Educação (LDB/1998) e incluiu no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". (TV BRASIL, 2012).

Em Lagoinha, Dona Cícera e sua filha caçula, Raimundinha, receberam a produção do filme, foi uma visita rápida, tanto que Mariinha, conta que só ficou sabendo depois, por seu pai, João, o que tinha ocorrido. Mariinha conta que a equipe chegou à região, buscando comunidades com traços quilombolas, e pessoas da comunidade apontaram Lagoinha como um lugar com as características que procuravam. Foram em busca do patriarca.

Com tantas mulheres guerreiras, a opção foi feita por exibir no filme apenas a figura de João, esposo de Cícera, uma lacuna do filme, no que tange a passagem por Lagoinha. Porém não a obra inteira.

Apesar das figuras masculinas terem predominado, mulheres negras quilombolas também tiveram a sua representação no filme "Quilombos da Bahia".

A comunidade se reuniu na Casa de Farinha. Nesse dia, negros e brancos vieram para conferir o que estava acontecendo. Dona Mariinha lembra como se fosse hoje:

"- Meu avô viu. Pai viu. Estava todo mundo vivo. Aí foi o aviso, esse menino, a irmã desse rapaz. O Vandeilson, que hoje vai completar 17 anos, era pequenininho, eu me lembro, eu vim mais ela. Aí ajuntou, ajuntou muita gente. Aí disse, mas foi real mesmo? É, a parede é a mesminha. A casa é a mesma. Aí, foi que o povo se assustaram e disseram " Ah! Os nego têm valor! Eles tem valor! O pessoal de Salvador, não sei de onde, já vieram, Nego tem valor! Não é o que nós tava pensando, não. Nego tem valor". Os brancos que tem mais condições , começaram a falar assim. E que nós, comé que diz? Nós somos, nós somos quilombola de sangue e teve gente nossa, que foi escravo, que fez trabalho escravo nas fazenda. Tá vendo? Com certeza e foi que foi chegando à realidade, foi que Deus toda a vida enxergou nós, mas muita gente da terra não enxergava não".

Para Maria Pacheco, ser mulher quilombola é muito bom, muito importante.

"- Ser mulher quilombola é a união, é o trabalho, no dia a dia, junto com os filhos da gente, com irmão, com cunhado, sobrinho e tudo mais, neto. Ser mulher quilombola é bom demais".



Raimunda

Fonte: acervo de Maria Raimunda dos Santos

"Eu não nasci pra viver em chicote. Eu nasci pra viver livre, que nem um passarinho fora da gaiola. Então, assim, quando você quer, você conquista. É isso que eu penso, num vamos baixar a cabeça. Vamos a frente. Mas aquilo que nós vencer, porque Deus tá na nossa frente e nós vamos vencer. É isso que eu penso. É aí as minhas palavras." (Entrevista concedida por Raimunda dos Santos em 2021)

Raimunda dos Santos, 49 anos

Raimunda dos Santos é a filha caçula de Cícera de Lagoinha e João do Mocambo. Tinha 17 anos quando se casou com o homem que até hoje é seu marido e com quem constituiu sua família. Um amor que nasceu no quilombo, em meio a disputas raciais que se deram no âmbito das relações que se estabeleceram entre a família Silva Santos, a família de Raimunda e a família Ferreira Santos, família de Izidro, esposo de Raimunda.

Para viver esse relacionamento, Raimunda enfrentou o racismo da mãe de Izidro Ferreira Santos, que falava em alto e bom som, que não aceitava o casamento do seu filho com uma mulher negra. Assim como outras pessoas da família, como os cunhados de Raimunda, também eram racistas.

Destemida, Raimunda nunca permitiu que o racismo lhe definisse. A cada um dos seus inimigos, ela enfrentava e se o seu marido tivesse praticado algum tipo de discriminação em função do racismo que sua família fazia questão de deixar evidente, ela afirma: "-Eu não tinha aceitado. Porque, assim, eu não nasci pra viver em chicote. Eu nasci prá viver livre, que nem um passarinho fora da gaiola.

Então, assim, quando você quer, você conquista. É isso que eu penso, num vamos baixar a cabeça. Vamos a frente. Mas aquilo que nós vencer, porque Deus tá na nossa frente e nós vamos vencer. É isso que eu penso. É aí as minhas palavras."

Raimunda e Izídio, seu marido, completaram 31 anos de casamento em 2021 com uma linda família.

Orgulhosa, ela descreve que são cinco filhos: Izídio, Iago, Railson, Tiago e Raelson, seguindo a ordem em que chegaram ao mundo. As noras são como suas filhas e ainda, seis netos, quatro meninos e duas meninas.

Em sua narrativa de vida, Raimunda dos Santos, deixa evidente o quanto se orgulha de ter sido a primeira mulher quilombola a ser vacinada contra Covid-19 no município de Casa Nova - BA e que, principalmente, todas as pessoas de Lagoinha já tenham sido completamente imunizadas, depois de tantas violências praticadas contra aquela comunidade, atingindo os corpos daquelas mulheres e dos homens marginalizadas/os, essa era considerada por Raimunda e por seus pares uma vitória. Essa conquista se deu pela disputa dos movimentos sociais que lutam por direitos dos povos e comunidades tradicionais a nível nacional, dentre esses, os indígenas

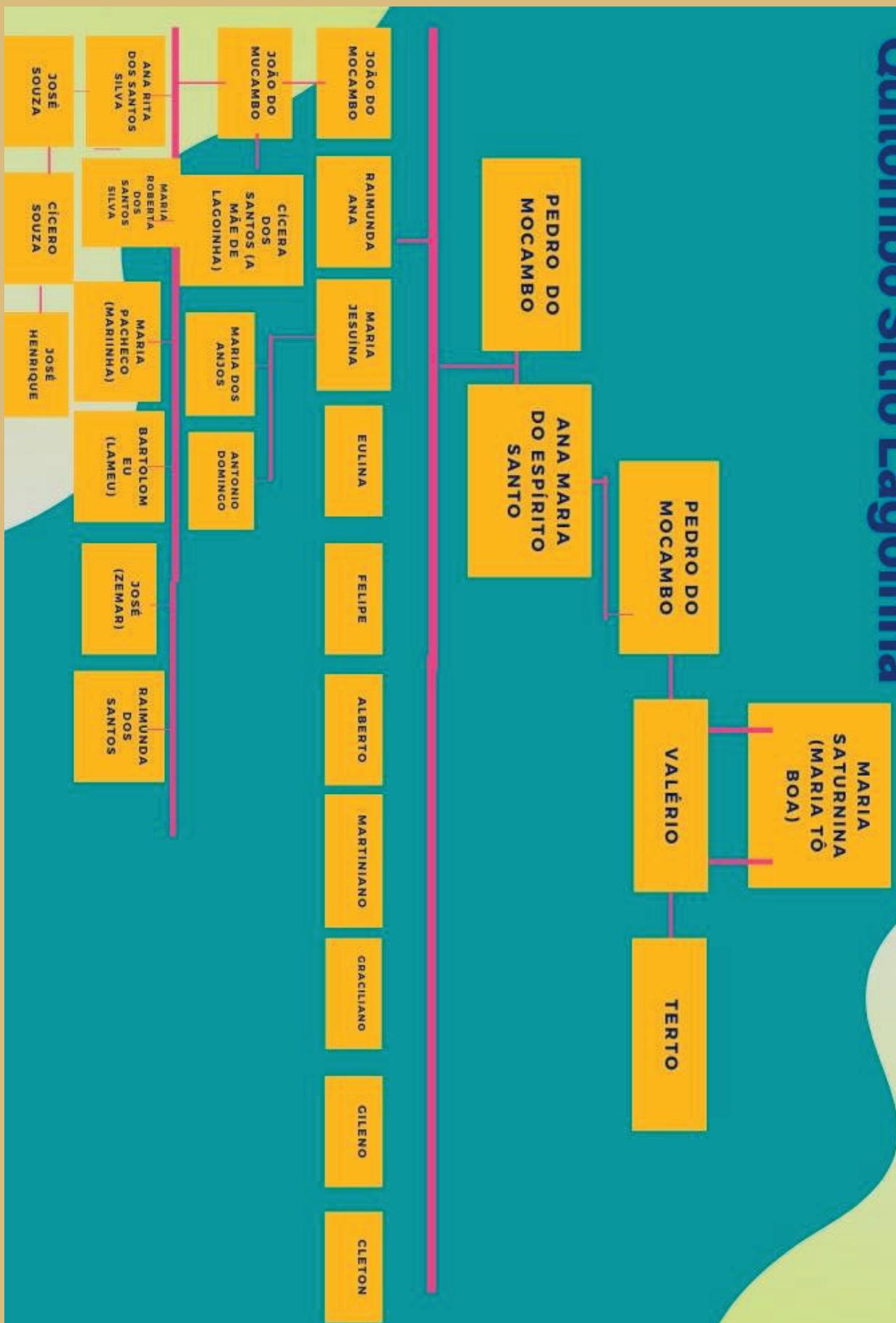
e quilombolas, que peticionaram o Supremo Tribunal de Justiça - STJ, pelo reconhecimento desses povos como públicos prioritários no que tange a prevenção e imunização do Covid, bem como outras providências necessárias para o enfrentamento da pandemia.

Essa vitória permitiu que as/-aos quilombolas de Lagoinha pudessem reivindicar seus direitos no âmbito do município de Casa Nova, que começa a compreender o lugar histórico ocupado por essa comunidade e os direitos que ela possui e que precisam ser garantidos. "- Aonde nós chegamos, o conhecimento que a gente tem. Saber que nós, quilombolas, nós tem o direito e nós não sabia.

Descobrimos a verdade que a gente tem direito aquilo que nós não tinha. E hoje, assim, nós se sente forte. A gente tem um orgulho de dizer assim: "Ah eu sou quilombola! Eu sou lá da Lagoinha!". Minha associação é da Lagoinha, né? Eu sou quilombola, eu tive o direito.

Óia, eu tô tão orgulhosa que eu fui a primeira mulher quilombola a ser vacinada daqui de Casa Nova. E hoje tamos todos vacinado. Eu, o marido, os filho, os irmão todo, através do que? Os quilombolas. Porque nós tivemos nossos direitos garantidos. Então eu sinto muito orgulhosa de ser quilombola! Sendo da Lagoinha, tenho orgulho por isso! Eu acredito que meus irmão também."

Resumo da genealogia do Quilombo Sítio Lagoinha



Posfácio

Profº Dr. Nilton de Almeida

Estas são histórias de trabalho. Histórias de amor. Histórias de dor. Histórias que nos revelam dinâmicas e realidades primordiais do nosso país e do nosso Nordeste. O quilombo Lagoinha de Casa Nova chega até nós por várias mãos, corações e mentes.

A irmanação das memórias quilombolas de tão extraordinárias mulheres com a lavra e a excelente interpretação-ação de Luana Pereira Rodrigues nos brindam como uma luz em meio a tamanha obscuridade e injustiça que grassou e grassa no Brasil.

Mas quilombolas resistem e existem. Intelectuais, no melhor sentido do ofício, também. A honra de orientar Luana Pereira Rodrigues só é superada pelo prazer da leitura e pelo aprender com essas mulheres quilombolas que trouxeram o extraordinário para o cotidiano.

Oxalá este trabalho seja o primeiro de uma série. Até a próxima.

Fontes Consultadas

AFRÂNIO. HISTÓRIA. 2017. Disponível em: <https://afranio.pe.gov.br/sobre-afranio/>. Acesso em: 15 de out. de 2021.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

CONAQ; Coordenação Nacional de Articulação quilombola. Ministro Fachin determina vacinação imediata de quilombolas residentes ou não nos territórios tradicionais. 13 de set. de 2021. Disponível em: <http://conaq.org.br/noticias/ministro-fachindetermina-vacinacao-imediata-de-quilombolasresidentes-ou-nao-nos-territorios-tradicionais/>. Acesso em: 21 de set. de 2021.

DAVIS, Ângela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEALDINA, S. dos S. Mulheres Quilombolas: defendendo o território, combatendo o racismo e despatriarcalizando a política. In: DEALDINA, S. dos S. (org.). Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas. São Paulo: Sueli Carneiro, Jandaíra, 2020. p. 25-44.

ENTRETEXTOS. Cachoeira do Roberto. 2017.

Disponível em:

<https://www.portalentretextos.com.br/post/cachoeirado-roberto>. Acesso em: 24 de janeiro de 2021.

GOMES, Luciana Kellen de Souza. Memórias de Professoras Alfabetizadoras do Moberal em Fortaleza. Fortaleza/CE, 2012: FACED. Disponível em:

http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3577/1/2012_Dis_LKSGomes.pdf. Acesso em: 29 de out. de 2021.

GONZALEZ, Lélia. 2020. Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar. 375 p.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

KIMBERLÉ, Crenshaw. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. University of California ñ Los Angeles, ano 10 172 1º SEMESTRE 2002.

SANTOS, Márcia Guena. Quilombo Sítio Lagoinha.

Disponível em:

<http://quilombosesertos.blogspot.com/2021/04/oquilombo-sitio-lagoinha-se-despede-da.html>.

Acesso em 5 de agosto de 2021.

TV BRASIL. O trabalho da equipe que fez o documentário “Quilombos da Bahia. Programa Para Todos: jun. de 2012. Disponível em:

<https://youtu.be/mCslox9K3GY>. Acesso em: 25 de janeiro.

UNIVASF. Comunidades Primordiais do São Francisco.

Disponível em:

<https://comunidadesprimordiais.blogspot.com/>. Acesso em: 15 de nov. de 2021.

Anexos

Galeria das Anas e Maria



Anexo 1



Ana Rita recebendo a certificação do programa de formação para professores Leigos (APROL).
Fonte: Acervo Ana Rita.



Ana Rita (de branco) ao lado do seu esposo José e seus irmãos José e Maria Roberta, celebram o batizado dos seus filhos: Cícero e José Henrique. Fonte: Acervo Ana Rita (1998).



filhos, no dia da gravação do filme 'Quilombos da Bahia'.

Fonte: Acervo Ana Rita (2004).



filhos, no dia da gravação do filme
'QuiJesuína e a direita a neta de Maria
Tô Boa. Fonte: Acervo Ana Rita (2004).



Maria Jesuína, Bartolomeu e na lateral
esquerda, M^a dos Anjos no beneficiamento da
Mandioca. Fonte: acervo da Associação
Quilombola (2021).



Roda de São Gonçalo em Sítio Lagoinha

Fonte: Acervo Márcia Guena (2018).



Mariinha e seu esposo José (sanfoneiro de Lagoinha).

Acervo de Mariinha (2008).



José Henrique conduzindo a imagem de São Gonçalo para o altar.

Fonte: Acervo de Márcia Guena (2018).



Encerramento do 1º Fórum de Promoção da Igualdade Racial do Município de Casa Nova, realizado na comunidade quilombola Sítio Lagoinha. Fonte: acervo de Márcia Guena dos Santos. (2018)



Celebração da Semana em Sítio Lagoinha..
Fonte: Acervo Márcia Guena dos Santos (2019).



Oficina de Márcia Guena sobre elaboração de projetos.

Fonte: Acervo Márcia Guena dos Santos (2018).



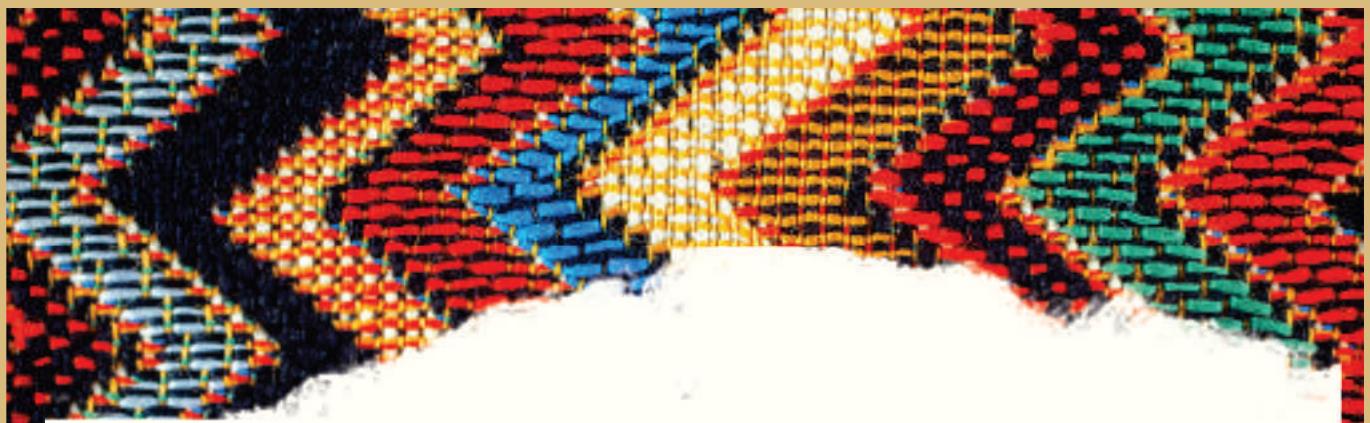
Mulheres no beneficiamento da mandioca.

Fonte: Associação Quilombola (2021).



Nessa foto homenageamos Irene dos Santos, irmã de Cícera a mãe do quilombo de Lagoinha. Desde o dia que saíram da Ilha Grande em Pernambuco, estiveram sempre unidas até a morte de Cícera em 2021. Não entrevistamos Irene ainda, pois na ocasião ela não se encontrava em Lagoinha.

Fonte: Acervo de Márcia Guena dos Santos (2018).



Celebração do casamento de Ana Rita com o seu esposo José, no quilombo Lagoinha.

Fonte: Acervo de Ana Rita (1991).



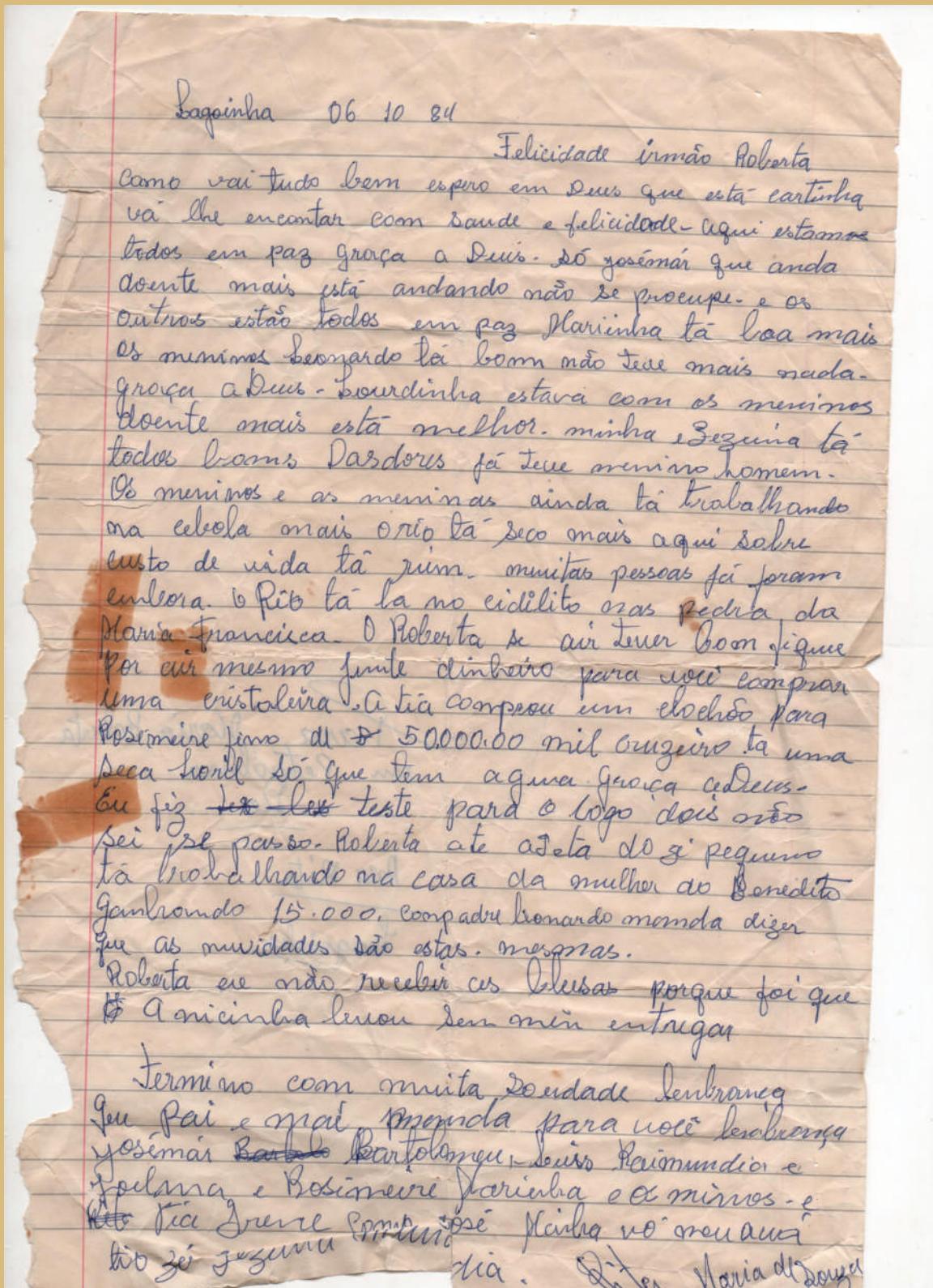
Cícera em seu quintal produtivo principal fonte de sustento da sua família.

Fonte: Acervo de Ana Rita (2000).

Anexo 2

Cartas: acervo Ana Rita

01- De Ana Rita para Maria Roberta



02- De Pai para Cicera e Irne

Agradecida u 10 de 90
80

minha querida irmão
O fim desta carta é
o Sappente para
dar-lhe a minha
notícia e no me-
mo tempo eu
apeter as sua
Pren. Noé mande
me dizer com
Mais pren. Noé man-
de me dizer
com os meus
se ja eazar
diga Rosa meira
que o Marcos ja
esta rapaz pren
diga Joachima
atendia passar
aquele pren diga
o Luis que atendia

Passar aqui e
vou terminar
com muitas o-
dias de você
com as meninhas

Greine eu já
tenho 5 filhos ei
homem e uma
mulher

Comade Greine ponha uma
tunis na ~~11~~ Goela diga que
eu estou com muita Saudade
Lembraça que eu mando
para todos. Goela
Lembraça Com um abraco
que sera padrinho
Raimundo mando para você.
dissi.

03- De Pai de Cicera para João

Agosto Agronila ouro de fámeiro
não sei se é aí que bom somos não sei
só que é aí que bom aí Sonda eão

Mui querido eu m'padu desse prego na
minha carreta so mente para dar illa
minha noticia e ao mesmo tempo o fizer
as suas fão eu ate o fazer destas eastinha
Vou pedindo eo m' saude graças ao
nosso bom Jesus.

Faço eu mando illa pergunta e o mo
que vai as ceiras relatai por que aqui
as ceiras estão difcil faço eu mando illa
dizer que este amo se seu quiser eu vou
parcar por la faço eu dizer que cheques
aqui graças a Deus não posso formar melh
um dia os poucos que veão em hora da qui
que chega lá eo m'ando mentira dizendo
que tinha eu uma partura que ninguem saia
tudo e mentira aqui não tem nada disso
Se tem eu uma coisa que não tem gosto
pra mulher e só a vantagem que tem
o pôbre do homem tem que se rirai muito
desejo mal não em todos meus parentes
um proximo amo ~~este~~ Nôto
Deu tu mi ma eo m' muita saudades

Sa- que eu mando para todos

Sa- para ricara eis me mos Sa- para Irene

os meus meus Sa- para o Pedro e a ma Mair

P. = para zigui ma iogra elio no eo gilme
Martimiano

Da= que tueia manda para Síeera e pre me
Da= que tueia manda para os pri mes
Da= que tueia manda para Beto e Maria
Pai tenta
Da= que tueia manda para Bento lo meu
e ze man

~~Se~~ Sembra-me que o povo manda para
Maria trazem em pedras brancas
de carvalho o povo tam bem tarda viagem
pra etade mora

Anexo 3

Fotos: Construindo memória em Lagoinha.
Acervo José Henrique



Ao lado de Márcia Guena e Céres Santos em palestra no 1º Fórum de Promoção da Igualdade Racial do Município de Casa Nova, realizado na comunidade quilombola Sítio Lagoinha.

Fonte: acervo de Márcia Guena dos Santos. (2018)



Luana Rodrigues, Maíra Costa, José Henrique e Zé Mar em realização de pesquisa de campo para a elaboração do Perfil Sócioprodutivo da Comunidade quilombola Sítio Lagoinha em Casa Nova -BA.





Oficina temática com Nilton de Almeida sobre 'História dos Povos Quilombolas no Brasil', por meio do projeto 'Pró Semiárido' da CAR - Governo da Bahia. Fonte: acervo de Nilton de Almeida (2018).